

Comportamento de preços e produção entre 1980 e 2006

Comparação entre crescimento da produção e do PIB

Paulo do Carmo Martins

Os anos oitenta ficaram conhecidos como a década perdida. Foi um período em que a inflação iniciou um processo de recrudescimento e a economia teve comportamento errático, ou seja, ora crescia, ora decrescia. Naquele período a economia era fechada, ou seja, havia pouca importação de produtos em geral, em função das tributações aos importados. Além disso, a economia sofria forte interferência do Governo, por meio de regulamentação. Este período também se caracterizou como o da falência do Governo, representado por sua incapacidade de investimento, somado à redução e piora de serviços públicos prestados. No caso do setor leiteiro, imperava a regulamentação plena, a ponto de o Governo usar do tabelamento dos preços praticados, como forma de combater a inflação. Naturalmente, esta política agiu como desestímulo ao desenvolvimento do setor lácteo.

Uma medida grosseira, porém necessária quando se discute competitividade do setor, é verificar se ocorreu aumento de produção nos últimos anos. A Fig. 1 apresenta o comportamento anual da produção total de toda a economia brasileira, expressa pelo Produto Interno Bruto – PIB, e o comportamento da produção de leite, medido em bilhões de litros, em toda a década dos oitenta.

Conforme se verifica, o PIB teve crescimento negativo em dois anos (1981 e 1982), fato não registrado para a produção de leite. Em sete dos dez anos, o leite apresentou crescimento anual acima do PIB, somente sendo superado entre 1984 e 1986. A explicação para este fenômeno é que foi o período em que o Governo usou de maneira mais intensa o tabelamento de preços contra os produtores e a favor do combate à inflação. Os reajustes de preços aos produtores não acompanharam a inflação, desestimulando os produtores. Isso levou a um movimento forte de reação dos produtores, o que levou à criação de um critério de reajuste de preços, antes inexistente, conhecido como a “planilha de custos de produção de leite da Embrapa”.

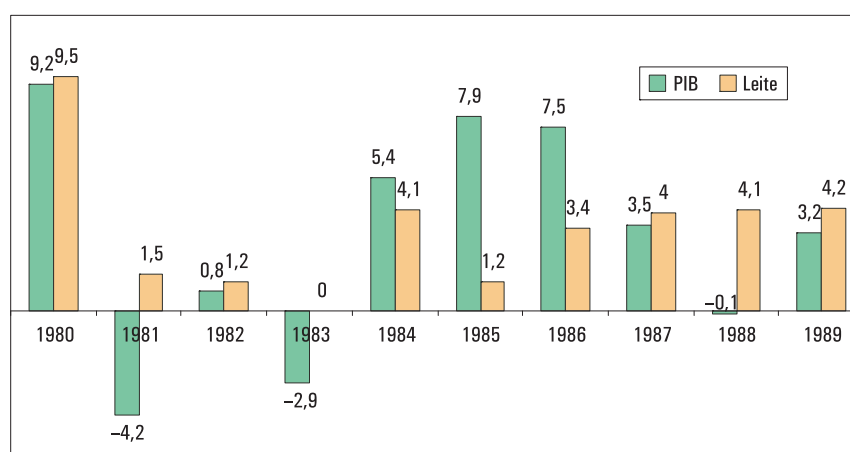


Fig. 1. Taxa anual de crescimento do PIB e da produção de leite. Brasil. 1980-89.

Fonte: Banco de Dados da Embrapa.

Os dados dos anos 90 estão representados na Fig. 2. Aquela década iniciou com comportamento similar à anterior. Entre 1990 e 1992 o PIB apresentou taxa de crescimento negativa em dois anos, mas a produção de leite não



Paulo do Carmo Martins

reproduziu este movimento. Entre 1993 e 1997 o PIB cresceu continuamente, para apresentar taxas muito reduzidas a partir daí. No caso do leite, o crescimento foi negativo em 1993, fruto de uma crise gerada pela ruptura do modelo de política de leite. Em 1991, o Governo deixou de tabelar o leite e os produtores, que nunca tinham tido a experiência de negociar com a indústria, foram expostos à este novo modelo, ou seja, a desregulamentação, somado à facilidade de importação de leite a preços artificiais como os praticados no mercado internacional.

Mas, a retirada da inflação, na metade do ano em 1994, deu impacto positivo no consumo, aumentando a demanda por leite. Os produtores reagiram, fazendo crescer a oferta de leite nos anos subseqüentes, com uma taxa de crescimento recorde em 1996. O restante da década apresentou taxas baixas de crescimento da produção de leite, motivado pela sobrevalorização do Real, que reduziu a competitividade da produção nacional. É importante lembrar, também, as denúncias de “triangulação” de leite nesse período.

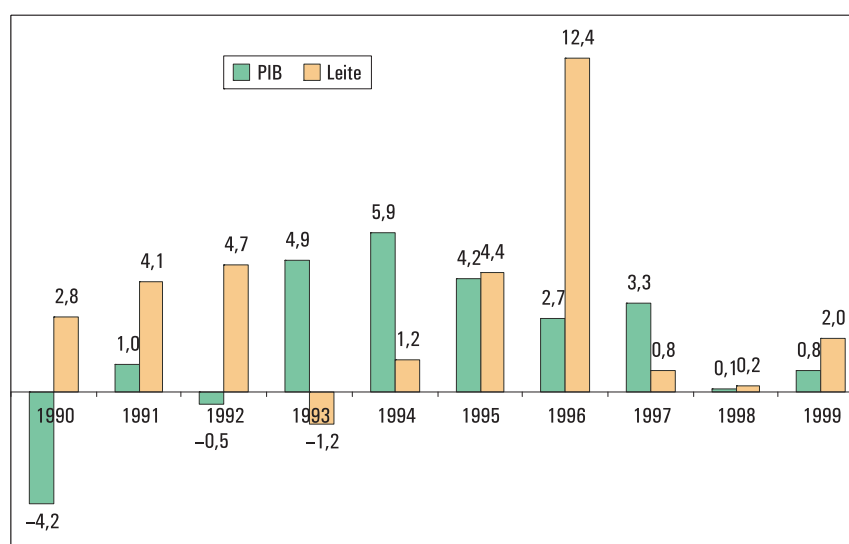


Fig. 2. Taxa anual de crescimento do PIB e da produção de Leite. Brasil. 1990-99.

Fonte: Banco de Dados da Embrapa.

Para quem não vivenciou, o termo “triangulação” surgiu na literatura de leite nacional para caracterizar uma possível exportação de leite da Argentina para o Brasil, com a diferenciação de baixa tarifação existente entre os países associados ao Mercosul. Lideranças argumentavam que o leite exportado para o Brasil era, na verdade, originário da União Européia. Fruto desse movimento de repulsa, em 2001 foi implantada no Brasil uma política “anti-dumping”, que criou barreiras adicionais à importação de leite, visando compensar os subsídios europeus, além de ficar acertado com países do Mercosul um preço mínimo para as suas exportações. Este ganho institucional, já esquecido, foi vital para estimular a produção neste milênio e é uma das explicações para o excepcional desempenho do setor neste milênio em que o Real voltou a ser sobrevalorizado. A Fig. 3 demonstra que, nos últimos sete anos o leite teve taxas de crescimento superiores em todos os anos, a partir de 2001.

Comportamento de preços e produção entre 1980 e 2006

Comparação entre crescimento da produção e do PIB

Paulo do Carmo Martins

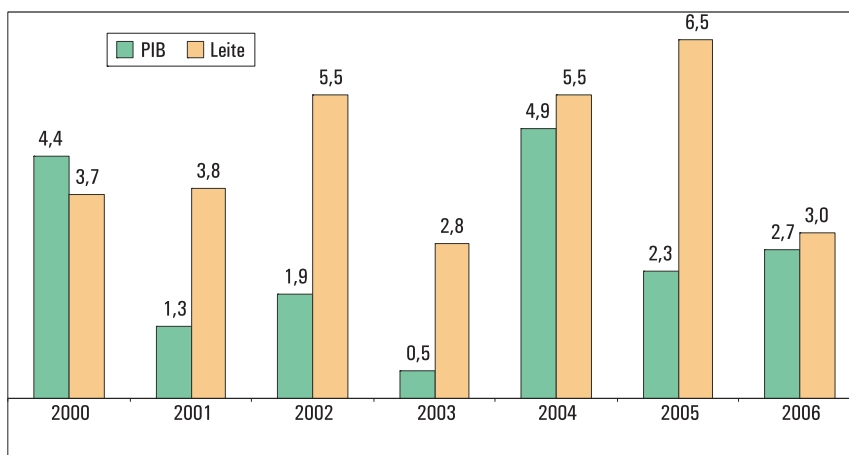


Fig. 3. Taxa anual de crescimento do PIB e da produção de Leite. Brasil. 2000-2006.

Fonte: Banco de Dados da Embrapa.

A Fig. 4 reproduz o preço médio recebido pelo produtor desde 1980 até 2006. Em valores de junho de 2007, o preço recebido por um litro de leite em 1980 era de R\$ 1,791. Em 1990 o preço já era de R\$ 1,046. Portanto, no final da década, o preço do leite ao produtor foi 58,4% do preço no início da década. Os preços continuaram em queda livre até 1997, atingindo o patamar de R\$ 0,563 o litro. A partir daí os preços mantêm um nível de variação mais estável. Em 1999 os preços recebidos pelo produtor foram somente 57,2% do praticado em 1990. Em 2006, os preços eram 88,7% dos preços em 2000. Em 2006, os preços foram 27,9% dos preços de 1980. Em 26 anos, portanto, entre 1980 e 2006, os preços foram pouco mais de $\frac{1}{4}$ do preço praticado no início da série histórica analisada.

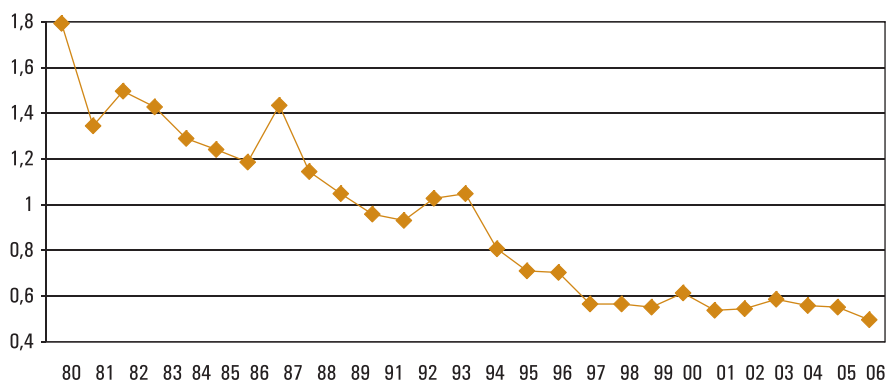


Fig. 4. Preços reais recebidos pelos produtores de leite. Brasil. 1980-06.

Fonte: Banco de Dados da Embrapa.

Obs.: Preços deflacionados por IGP-DI para junho de 2007.

Comportamento de preços e produção entre 1980 e 2006

Conforme a Fig. 5, os preços ao consumidor caíram, o que aumentou a possibilidade do leite competir com outros produtos alimentares, ao tempo em que alargou o número de consumidores. Entre 1980 e 2005 os preços caíram para 41,5% do que era praticado no início da série histórica analisada.

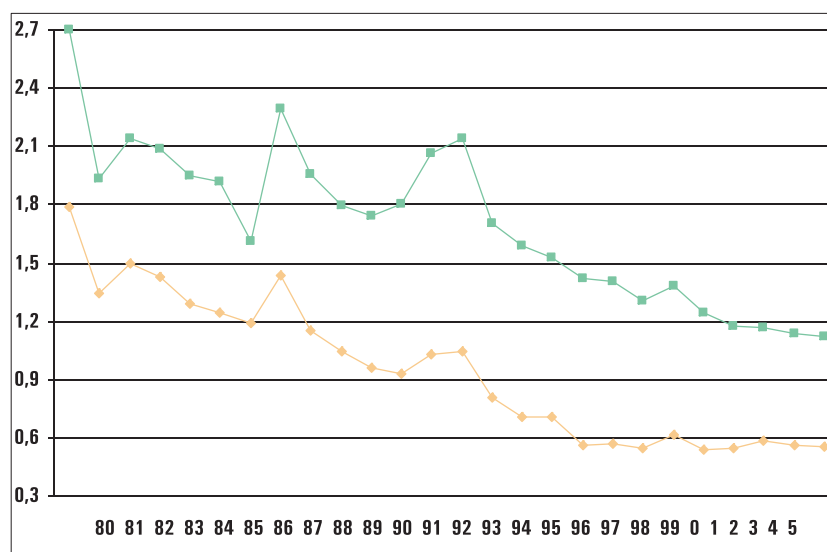


Fig. 5. Preços recebidos pelos produtores e pagos pelos consumidores. Brasil. 1980-05.

Fonte: Banco de Dados da Embrapa.

De acordo com a Fig. 6 a participação do preço do leite ao produtor em relação ao preço do leite fluido ao consumidor caiu de 66,2% em 1980 para 55,7%, entre 1980 e 1990. Contudo, merece registro que o percentual é elevado, se comparado com outros setores industriais de alimentos, como o milho e a ervilha industrial ou a carne de frango.

Em 1991 surgiu a novidade do Leite Longa Vida, que representa uma incorporação tecnológica na apresentação do produto e, conseqüentemente, uma indução à mudança de hábito, já que tempo de vida útil para o consumo do produto leite torna-se mais dilatado. Portanto, retira a condição de produto altamente perecível atribuída ao leite brasileiro, até então. Mas, também, significa um maior custo do produto final, em função do preço da embalagem. A aprovação por este tipo de modalidade de produto pode ser medida por sua participação no consumo de leite fluido. Em 1991, sua participação foi de 5,2%. Em 2001 já era de 73,3% do total de consumo de fluído. Neste mesmo ano, o percentual do preço de leite ao produtor em relação ao preço de leite fluido ao consumidor havia caído para 43,3%. O fato é que o leite Longa Vida estimulou a produção de leite na região Centro-Oeste e Sul, que são superavitárias, pois possibilitou a colocação de excedente nas regiões Norte, Nordeste e estados como o Rio de Janeiro, tradicionais importadores de produtos lácteos. Portanto, o leite passou em mais um teste, ou seja, viabilizou tecnologia que expandiu espacialmente o mercado de produtos lácteos.

Comportamento de preços e produção entre 1980 e 2006

Comparação entre crescimento da produção e do PIB

Paulo do Carmo Martins

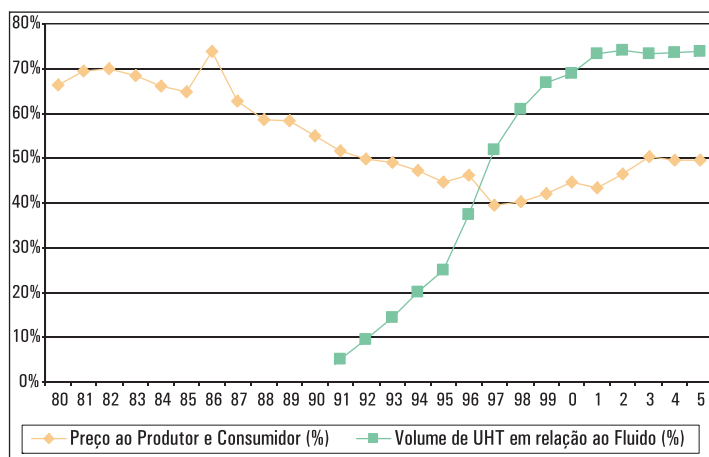


Fig. 6. Preços recebidos pelos produtores em relação aos preços de Leite Fluido no Varejo e Volume de Leite UHT em relação ao Volume de Leite Fluido (%). Brasil, 1980-05.
Fonte: Banco de Dados da Embrapa.
Obs.: Preços reais deflacionados pelo IGP-DI, para junho/2007.

A Fig. 7 permite visualizar o comportamento da produção de leite e do PIB nestes vinte e seis anos. Os dados estão apresentados na forma de números-índices, para permitir comparação ao longo do tempo. Entre 1980 e 1989 o PIB cresceu 22,3% e a produção de leite 26,3%. Já entre 1990 e 1999, a produção começa a ter um desempenho melhor que o do PIB. A produção cresceu 37,0% nesta década, contra 19,3% do PIB. Nestes últimos sete anos da série (2000 a 2006), a produção cresceu 35,0% e o PIB cresceu 19,4%. No acumulado entre 1980 e 2006 a produção cresceu quase o dobro que o PIB. Enquanto o crescimento da produção de toda a economia ficou em 74%, a produção de leite cresceu 131%. Já a população cresceu 51% em 26 anos.

Por outro lado, os preços de leite ao produtor e ao consumidor caíram significativamente entre 1980 e 2006. Em 2006 o consumidor pagou 41% do preço pago em 1980, enquanto o produtor recebeu 28% do preço que recebia há 26 anos atrás.

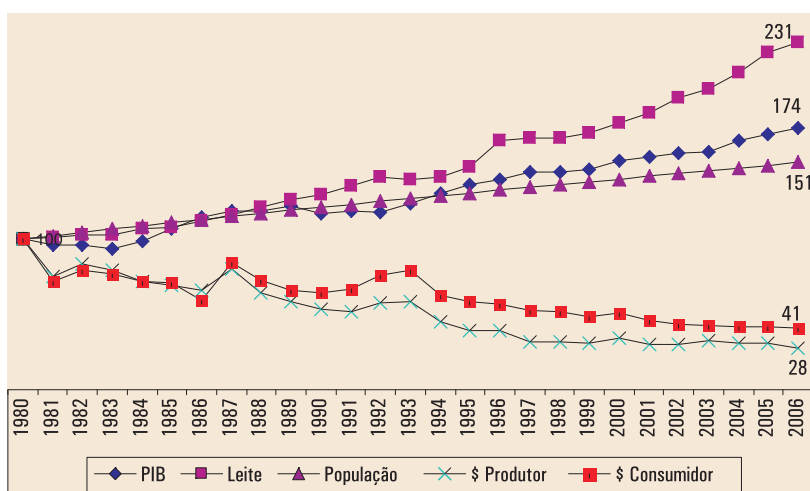


Fig. 7. Comportamento do PIB, da produção de leite, da população e dos preços ao produtor e ao consumidor. Brasil, 1980-06.
Fonte: Banco de Dados da Embrapa.

Comportamento de preços e produção entre 1980 e 2006

Embora aparentemente contraditória a elevação da produção concomitante com queda de preços recebidos, este fenômeno pode ser explicado pelo aumento da produtividade ocorrida. Está em curso no setor de produção de leite nacional o fenômeno caracterizado por Cochrane (1958) como *Technological Treadmill* ou seja, os produtores inovadores adotam novos procedimentos tecnológicos e temporariamente obtêm ganhos extras. Na medida em que estes procedimentos se universalizam a oferta do produto se eleva, o que induz a uma queda de preços recebidos pelos produtores. Os últimos a adotarem as inovações ou aqueles que não as adotam tendem a apresentar dificuldades de sobrevivência na atividade.

Ao longo da década passada foi introduzida e consagrada a prática de pagamento de preços diferenciados entre os produtores de leite, inclusive nas cooperativas, com decisão favorável do Conselho Administrativo de Defesa Econômica - Cade, em julgamento ocorrido em 1999. Alguns critérios são utilizados na definição da diferenciação de preços. Um deles diz respeito ao leite resfriado. Nos primeiros anos, como havia resistência dos produtores em adquirir o tanque de resfriamento e construir as instalações necessárias, as empresas financiaram estas operações, amortizando em até 48 meses com doze de carência e assumindo os custos de transação. Os produtores passavam a ter ganhos imediatos, na medida em que reduzia o custo de transporte, aumentava o preço recebido por litro e ainda podiam introduzir a segunda ordenha, aumentando a produção.

Outros procedimentos indutores de adoção de tecnologia, como o descrito, foram também disseminados, levando ao aumento de produtividade. Além disso, três outros fatores auxiliam no entendimento do fenômeno do aumento da produtividade. O primeiro diz respeito a um importante trabalho de conscientização quanto à necessidade do produtor atuar de maneira profissionalizada na atividade, desenvolvido por técnicos dos laticínios e por professores/pesquisadores de universidades e agências do governo, além de um marcante envolvimento das federações estaduais e da Confederação Nacional da Agricultura – CNA.

O segundo está relacionado à queda do preço real da ração ao longo da década dos noventa, que segundo Yamaguchi et al. (2001) apresentou taxa negativa de crescimento de preços (-6,1 % ao ano).

Um terceiro fator explicativo, de difícil verificação empírica e de apelo dedutível, diz respeito à queda das taxas de inflação. Em geral, o produtor recebe o valor da produção mensalmente do laticínio, no mês subsequente à entrega. Se o pagamento se dá, por exemplo, sempre no dia 3 de cada mês, são decorridos entre 33 e 3 dias entre a produção entregue no primeiro e último dia do mês anterior e o efetivo pagamento. Portanto, em média, o produtor será remunerado 18 dias após a produção. Num período de inflação elevada, há uma corrosão do valor real recebido pelo produtor. O mecanismo inflacionário reduz, assim, o poder de compra do produtor de leite, dado pela renda líquida auferida na atividade. Se ocorrer controle da inflação e esta se estabilizar próxima de zero, haverá um ganho real de renda para o produtor que, estimulado, tenderá a responder com aumento da produção.

Dessa forma, o aumento de produtividade ocorrida nos anos 90 poderia ser explicado parcialmente pela redução do preço da ração – importante item de custo – pela decisiva ação de laticínios, de lideranças de produtores e de universidades e agências de pesquisa e difusão, além de sensível redução do imposto inflacionário.